

**UNIESP**  
•• União de Escolas Superiores Paraíso ••

[WWW.UNIESPMG.EDU.BR](http://WWW.UNIESPMG.EDU.BR) - [35] 3558 6261

**ISEP**  
•• Instituto Superior de Educação Paraíso ••

**UNIÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE PARAÍSO**

**A UNIÃO GESTÃO ESCOLAR/PROFESSOR NO  
DESPERTAR DO INTERESSE PELA LEITURA**

**AUTORA: STELA DUARTE MEDEIROS**

**ORIENTADORA: ELAINY CRISTINA DOS SANTOS LISBOA**

**São Sebastião do Paraíso – MG**

**2009**

# **A UNIÃO GESTÃO ESCOLAR/PROFESSOR NO DESPERTAR DO INTERESSE PELA LEITURA**

**AUTORA: STELA DUARTE MEDEIROS**

Monografia apresentada à UNIESP -  
União de Escolas Superiores Paraíso  
para obtenção do título de pós-graduação.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Elainy Cristina dos  
Santos Lisbôa.

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

# **A UNIÃO GESTÃO ESCOLAR/PROFESSOR NO DESPERTAR DO INTERESSE PELA LEITURA**

## **CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

AVALIAÇÃO: (     ) \_\_\_\_\_

---

Elainy Cristina dos Santos Lisboa  
Professora Orientadora

---

Professor Avaliador da Banca

---

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso - MG

2009

## DEDICATÓRIA

À minha família que tanto tem me apoiado e compreendido. Em especial aos meus filhos, que sempre que estava triste, sabia onde encontrar um apoio, um carinho: a vocês – meus amores – dedico este trabalho com todo o carinho. Vocês são a razão de todo o meu esforço.

Aos meus amigos pela força e companheirismo.

“Como em todos nós, existem pessoas na nossa vida que nos marcam para sempre. Quer através da “ajuda” que nos dão no dia a dia, quer na “ajuda” que nos deram durante toda/ou parte da nossa existência. Esta “ajuda” para mim significa tudo aquilo que podemos desejar dos que nos rodeiam, Amor, Compreensão, Carinho e muito apoio nas alturas mais difíceis. Quando podemos e devemos agradecer por todo aquilo que fizeram por nós, na altura certa se calhar por vezes quando damos por isso já é tarde e nada podemos fazer e ficamos sempre com a sensação que algo ficou por fazer/dizer e que se devia e deve-se fazer sempre mais. Agradeço a todos, quer aqueles que ainda lutam comigo no dia a dia, quer aqueles que estão sempre comigo no meu pensamento. Penso que nunca seja tarde para se mostrar a gratidão e assim dedico este meu humilde trabalho a eles”.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço este trabalho primeiramente a DEUS, meu maior AMIGO por tudo que ELE têm me dado e me orientado para o caminho da verdade. Além de me iluminar, me dar vida, saúde e inteligência para conseguir estudar e conseguir levar meus conhecimentos até as crianças, que é a minha razão de minha luta profissional.

À minha orientadora Professora Elainy Cristina dos Santos Lisboa, pelas orientações precisas em todos os momentos solicitados.

A todos os professores do Curso de pós-graduação pelo apoio e dedicação para comigo.

A todos aqueles que, de algum modo, em muitos momentos me incentivou a prosseguir.

“Agradecer é admitir que houve um momento em que se precisou de alguém, é reconhecer que o homem jamais poderá lograr para si o dom de ser auto-suficiente. Ninguém e nada cresce sozinho, sempre é preciso um olhar de apoio, uma palavra de incentivo, um gesto de compreensão, uma atitude de amor.”

*Certa palavra dorme na sombra de um livro raro.  
Como desencantá-la?  
É a senha da vida a senha do mundo.  
Vou procurá-la.  
Vou procurá-la a vida inteira no mundo todo.  
Se tarda o encontro, se não a encontro,  
não desanimo, procuro sempre.  
Procuro sempre, e minha procura ficará sendo minha palavra.*

Carlos Drummond de Andrade

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 - A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER.....</b>	<b>10</b>
<b>2 - POSSÍVEIS MOTIVOS QUE LEVAM O ALUNO A NÃO PRATICAR A LEITURA COM PRAZER.....</b>	<b>16</b>
<b>3 - A UNIÃO GESTÃO ESCOLAR/PROFESSOR NO DESPERTAR DO INTERESSE PELA LEITURA.....</b>	<b>25</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>41</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>43</b>

## RESUMO

A interação entre o livro literário e aluno é uma oportunidade para a realização de um trabalho de renovação do ensino da literatura. O trabalho foi norteado pela preocupação em desenvolver uma prática docente que considere as atividades com texto literário livre e espontâneo, resultando em momentos de prazer em sala de aula e fora dela. É inegável a necessidade de alimentarmos uma educação próxima dos educandos, capaz de aguçar a criatividade, de despertar o gênio incentivo, de aperfeiçoar o temperamento e o caráter, bem como a capacidade de resistência e adaptação dos mesmos. A redescoberta de valores consiste em persistir ao ser humano que compreenda o complexo problema de adaptação do homem às condições de vida na terra de forma a tornar exeqüíveis ações de intervenção na realidade com intuito de aumentar a eficiência escolar, eliminando a pedagogia do desânimo, da descrença, da repetência, da evasão, dando lugar à pedagogia da busca, do desafio, do encontro, da esperança, do afeto, da realização, da transformação. Para isto, a formação de leitor eficiente é o caminho que precisamos trilhar na Escola para que o fracasso escolar não chegue até ele. Sendo assim, esta pesquisa propôs trilhar as veredas do desenvolvimento do gosto pela leitura mostrando o papel do gestor educacional/professor neste sentido através de uma pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** Interação, Leitura, Gestor Educacional, Professor.



## INTRODUÇÃO

Leitura: Prazer ou Imposição? De tudo que a escola pode oferecer de bom aos alunos, é a leitura, sem dúvida, a melhor, a grande herança da educação. É o prolongamento da escola na vida, já que a maioria das pessoas, no seu dia-a-dia, lê muito mais do que escreve. Portanto, deveria se dar prioridade absoluta à leitura desde a alfabetização.

Por outro lado, o mundo moderno realiza um apelo constante aos recursos gráficos, seja por meio da escrita ou da imagem. Mesmo antes de entrar na escola, nossos alunos têm larga experiência com o mundo letrado.

Tornar os alunos bons leitores não é uma tarefa fácil, mas compreender mensagens por meio de leituras é hoje, sem dúvida, uma exigência social mínima à qual a escola não pode ficar alheia. É através da leitura de livros variados que os alunos desenvolverão as habilidades cognitivas exigidas no mundo moderno.

Por todas essas razões, esta pesquisa terá como objetivo mostrar que ler é uma forma de aprender a pensar, tanto quanto é uma maneira prazerosa de desvendar o mundo e a si mesmo. A proposta é tornar o ato de ler um exercício prazeroso, gostoso e não uma imposição da escola.

Ao desenvolver esta análise, foi necessário pesquisar muito. Esta pesquisa ocorreu através de vários artigos formando três partes:

- A primeira parte do documento contempla a importância da leitura na vida da criança;
- Na segunda parte, retrata os possíveis motivos que faz o aluno não praticar a leitura com prazer e conseqüentemente leva-lo ao fracasso escolar;
- Já na terceira e última parte, salienta a preocupação em formar crianças leitoras e produtoras de textos através do auxílio da fusão gestor

educacional/professor.

Com este estudo, baseado em pesquisas de artigos para as quais foram utilizados jornais, livros e revistas especializadas no tema “Leitura com prazer”, aprendeu-se que respeitar e considerar as diferenças que os alunos possuem, valorizar seus saberes e criar um contexto escolar favorável à aprendizagem não são apenas valores de natureza ética, e, sim, a base de um trabalho pedagógico comprometido com o sucesso das aprendizagens de todos.

Diante do exposto, seleciona-se o tema: leitura, e ainda, há a necessidade de se aprofundar mais esse tema em “A união gestão escolar/ professor no despertar do interesse pela leitura”, que será tratado de forma teórica e prática diante da instituição escolar.

Justifica-se o tema pela preocupação em desenvolver uma prática docente juntamente com o gestor educacional que considere as atividades com texto literário livre e espontâneo, resultando em momentos de prazer em sala de aula e fora dela.

Desta forma, o presente trabalho irá ter como objetivo geral, averiguar o papel do gestor escolar na criação de estratégias para estimular o corpo docente no trabalho com a leitura dentro e fora da sala de aula. E os objetivos específicos:

- Mostrar os métodos utilizados para o desenvolvimento do hábito da leitura dos alunos.
- Listar os tipos de textos literários que podem ser utilizados para incentivar o gosto pela leitura.
- Mostrar que a formação do hábito familiar da leitura favorece a formação do hábito de ler.

O problema a ser estudado com o respectivo tema é: Como o gestor educacional pode auxiliar o professor a desenvolver o gosto pela leitura dos alunos?

A presente pesquisa utilizará o levantamento bibliográfico.

## 1 - A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

O homem constrói casa porque está vivo, mas escreve livros porque se sabe mortal. Ele vive em grupo porque é gregário, mas lê porque se sabe só. Esta leitura é para ele uma companhia que não ocupa o lugar de qualquer outra, mas nenhuma outra companhia saberia substituir. Ela não lhe oferece qualquer explicação definitiva sobre seu destino, mas tece uma trama cerrada de conviências entre vida e ele. Ínfimas e secretas conviências que falam da paradoxal felicidade de viver, enquanto elas mesmas deixam claro a trágico absurdo da vida. De tal forma que nossas razões para ler são tão estranhas quanto nossas razões para viver. E a ninguém é dado o poder para pedir contas dessa intimidade.

(OLIVEIRA, 2000)

A escola é a grande responsável perante o indivíduo, a sociedade e a nação, na formação do hábito de leitura. Ela deve procurar formar gradualmente esses hábitos através de todas as séries escolares, dando sempre finalidade à leitura e sistematizando o treino de hábitos específicos em todas as matérias do programa.

As famílias enviam seus filhos à escola para atender a muitos propósitos, dentre os quais o “aprender a ler” e mais tarde, o “ler para aprender”.

Para que a escola, através de ações docentes, cumpra tal responsabilidade é necessário saber que “tipo” de leitor ela quer formar.

Hoje, nossas escolas estão deixando a desejar essa formação do “aluno leitor”, muitos alunos saem da 8ª série sem valor, isto é, sem saber ler corretamente e se o fazem, a dificuldade em compreender o texto ou mesmo explicá-lo e reproduzi-lo é imenso.

Há necessidade de modificar essa realidade que se encontra em nossas escolas e para que isso seja possível é fundamental urgente mudança de mentalidade dos professores, uma reflexão sobre a formação do leitor e a seleção e uma indicação de livros e textos.

A escola deseja formar leitores conscientes, críticos e criativos, durante e após sua trajetória acadêmica, pressupõe que a consciência, a criatividade e a criticidade desses alunos-leitores vão ser constantemente dinamizadas nas diferentes práticas de leitura escolar, gerando assim reflexão, posicionamento e ação transformadora.

A escola deverá também apresentar uma coerência ou consistência entre fins e meios, entre teoria e prática, entre discurso e ação em sua proposta para o ensino da leitura. Os textos devem ser colocados à altura do repertório dos leitores, possibilitando a instauração do diálogo ou da interação discursiva entre ambos. O professor deve envolver o aluno significativa e democraticamente nas situações de leitura, a partir de temas culminantes e não apenas “mandar o aluno ler”, ou seja, impor.

A leitura exerce papel fundamental não só nos primeiros anos escolares como também em toda a vida do indivíduo.

Para tanto, é preciso que se incentive o gosto de ler, em todas as classes sociais, desde a mais tenra idade, sobretudo na escola pública, que atinge o maior percentual da população.

Seja pela força imperativa da tradição, seja pela valorização conferida à leitura como instrumento de integração e participação nos quadros culturais da sociedade em que vive, seja, ainda, pelo triunfo e expansão dos ideais democráticos, ou por tudo isso reunido, o fato é que a leitura, tanto nas escolas de ontem como nas de hoje, tanto nas escolas tradicionais de “ler, escrever e contar”, quanto nas escolas progressivas, cuja finalidade essencial é formação da criança, vem sendo sempre considerada como problema fundamental. E isso porque tem um âmbito funcional que transcende o ensino fundamental, que ultrapassa o ensino médio, que vai além mesmo da universidade, estendendo-se pela vida afora, por ser técnica fundamental da cultura.

A extraordinária expansão dos meios áudio-visuais, rádio, televisão, cinema ainda não restringiu a importância da leitura, isto porque, apesar de todo aperfeiçoamento alcançado, eles são apenas, instrumentos subsidiários da cultura,

servem para facilitar a compreensão pela base física que oferecem aos símbolos, mas não podem substituir a leitura. O ato de ler envolve uma elaboração pessoal, um processo mental profundo e duradouro. Tão valorizada é, hoje, a leitura, que os indivíduos que não puderam aprender na infância sofrem, quando adolescentes e adultos, sérias limitações no seu crescimento intelectual, econômico e político, e porque não se integram na vida social da comunidade são considerados “marginais”.

O mundo atual é ainda o mundo da letra impressa.

Como aponta Oliveira(2000, p. 32):

A leitura dirigida para propósitos definidos proporciona mudanças de pontos de vista, aquisição de novos valores sociais, econômicos, espirituais, estéticos, riqueza de vocabulário acompanhando, riqueza de idéias constituindo o instrumento dos instrumentos para ampliar experiências, aplicando-as à solução de problemas e à execução de inúmeras atividades práticas e do espírito.

A leitura fornece matéria prima para a escrita: através daquilo que o aluno leu, ele seguirá um paradigma para produzir sua própria redação. Essa redação não é só escolar, mas sim a escrita do aluno em si.

A leitura proporciona um enriquecimento do vocabulário. Recomenda-se ao aluno consultar o dicionário para aprender o significado daquelas palavras “novas”, para ele, encontradas no texto.

Segundo Silveira *apud* Jolibert(1994, p. 45), “os erros de grafia tão abundantes são decorrentes da omissão da leitura em voz alta, nas séries elementares”. Não sendo capaz de ver a palavra, na seqüência exata dos sons, o aluno não sabe grafá-las e, quando tenta fazê-lo, age por ensaio, por tentativas. Os erros gráficos, uma vez automatizados, resistem aos processos comuns de correção aplicado nas escolas. Portanto, o aluno que lê muito, certamente terá seu vocabulário ampliado, não apresentando tantas dificuldades com sua redação, pois terá o que escrever e saberá fazê-lo com clareza e corretamente.

O interesse pela leitura é assim uma atitude favorável em relação ao texto, gerada por uma necessidade, que provoca a ação de ler.

Bamberger *apud* Barbosa (2001, p. 44), pesquisador austríaco desenvolveu, pesquisas referentes ao desenvolvimento psicológico da criança com seus interesses de leitura e descobriu que seus interesses referem-se a “cinco idades de leitura”:

- 1ª Fase - idade dos livros de gravuras e dos verbos infantis (2 à 5 ou 6 anos):  
Nessa fase, as histórias ainda devem ser rápidas, com pouco texto de um enredo simples e vivo, poucos personagens, aproximando-se, ao máximo, das vivências da criança. Devem ser contadas com muito ritmo e entonação. Tem grande interesse por histórias de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados. Identifica-se, facilmente, com todos eles.
- 2ª Fase - idade do conto de fadas (5 à 8 ou 9 anos) – leitura realismo mágico:  
Os livros adequados a essa fase devem propor vivências originadas do cotidiano familiar da criança e apresentar determinadas características estilísticas. Devem ter um predomínio absoluto da imagem, como gravuras, ilustrações, desenhos sem texto escrito, ou com textos breves, que podem ser lidos, ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança perceba a inter-relação existente entre o "mundo real", que a cerca, e o "mundo da palavra", que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade que a rodeia. As imagens devem sugerir uma situação que seja significativa para a criança, ou que lhe seja, de alguma forma, atraente.
- 3ª Fase - idade da história ambiental, da leitura factual, dos relatos mitológicos, heróicos, de viagens e façanhas, de histórias regionais, nacionais e universais, as quais são muito apreciadas, (9 a 12 anos) é uma fase intermediária:  
É a fase das histórias engraçadas, bem-humoradas. Os gibis são ótimos, pois aliam essa característica à questão estética de um texto leve, de fácil compreensão, rápido de ler e com personagens que fazem parte da realidade vivenciada de cada criança. A criança, nessa idade, normalmente já domina a leitura e é capaz de fazer interpretações.
- 4ª Fase - idade da história de aventuras (12 a 14 anos) período pré-adolescência:  
A criança passa a interessar-se por textos mais longos, com histórias mais ricas e com maior número de personagens, diálogos e situações diversas. Os temas mais atraentes a essa fase são as aventuras, as ficções fantásticas e

histórias reais. Os interesses vão crescendo dos fatos reais, polêmicos, à realidade social. Mas também há interesse nas grandes aventuras, nas invenções e histórias de futuro, de séculos posteriores e do fim do mundo.

- 5ª Fase - os anos da maturidade u o desenvolvimento da esfera litero-estética da leitura (de 14 à 17 anos).

Para Bamberger *apud* Barbosa (2001, p. 45), os objetivos do ensino da leitura são:

- Usar adequadamente a variedade padrão língua.
- Ler para buscar informações.
- Orientar-se por meio da leitura.
- Ler, interpretando criticamente, diversos tipos de propaganda.
- Ler, criticamente, refletindo sobre os textos apresentados.
- Ler oralmente para interpretar ou mostrar a parte que mais gostou.
- Habilidades de leitura oral:
  - Articulação clara;
  - Pronúncia correta;
  - Leitura em unidades de pensamento;
  - Entonação adequada, de acordo com o trecho;
  - Adaptação da voz ao tamanho da sala e à audiência.
- Hábitos:
  - De manusear corretamente um livro;
  - De movimentar corretamente os olhos durante a leitura;
  - De ler silenciosamente antes da leitura oral;
  - De observar vários tipos de material na sala de aula como: notícias, cartazes, etc.
- Atitudes:
  - Gosto e interesse pela leitura;
  - Atitude de apreciação de fatos de histórias e reações de personagens;
  - Senso de responsabilidade da pessoa que faz leitura oral, bem como da que ouve a leitura feita;
  - Atitude de apreciação do conteúdo do pré-livro e do livro de leituras intermediárias.

Em suma, aprender a ler compreensivamente é uma condição necessária para poder aprender a partir dos textos escritos.

A criança passa como foi visto acima, por fases na produção, todas igualmente importantes para ela, e o professor deve requerer essas produções de maneira gradativa no que se refere à dificuldade de execução, ou seja, para chegar a elaborar um texto individualmente, com formas e conteúdo próprios, a criança precisa, antes, trabalhar textos coletivamente ou em pequenos grupos, sob a

orientação do professor, com base em modelos de escrita corretos e variados quanto à forma, como poesia, contos, música, trava-língua etc.

Acredita-se que a leitura é um encontro de tudo que vem a nós, pois tudo que se vê ou se sente é uma leitura. Os primitivos não sabiam ler nem escrever palavras, mas deixavam seus sinais e isso, vem ao encontro com a idéia de que tudo que se vê e se sente há como ser transmitido.

Como Freire(2007), acredita-se também que ler não é apenas juntar as letras e formas palavras, mas é ler o mundo em volta, é estar sempre atento a acontecimentos que nos rodeia e que de certa forma nos mostra certo ou errado, conceitos que fazem parte da vida.

O conjunto de representações de situações concretas possibilita uma leitura da leitura anterior do mundo, antes mesmo da leitura da palavra.

Atualmente nas escolas os alunos parecem ler para matar o tempo e assim essa tarefa não tem necessidade de ser contínua e dinâmica. Basta ler durante alguns minutos e pronto, já está cumprido a hora da leitura, ou seja, a criança não lê por prazer, mas por obrigação, por imposição. Cadê o gosto da leitura? Cadê o prazer de ler um livro?

Assim, no próximo capítulo será focado quais são os possíveis motivos que fazem esse ato tão triste ocorrer: o desprazer com a leitura.



## 2 - POSSÍVEIS MOTIVOS QUE LEVAM O ALUNO A NÃO PRATICAR A LEITURA COM PRAZER

Oh! Bendito o que semeia livros... livros à mão-cheia... E manda o povo pensar! O livro caindo n'alma É gérmen - que faz a palma, É chuva - que faz o mar.

(ALVES *apud* BOMTEMPO, 2000, p. 56)

Há muito tempo os índices de fracasso escolar são inaceitáveis e as medidas tomadas na esfera dos sistemas públicos pouco tem contribuído para transformar essa situação de forma expressiva.

Isso fez com que, progressivamente, se consolidasse uma cultura escolar da repetência, da reprovação, que acabou por ser aceitar como um acontecimento natural. O país foi se acostumando com o fato de cerca da metade de suas crianças não chegarem ao término do primeiro ano de escolaridade no Ensino Fundamental.

De acordo com Soares(1999, p. 67):

Essa cultura da reprovação teve como consequência a evasão escolar e a defasagem idade/série dos que permaneceram estudando. E a maioria dos alunos que a escola não tem conseguido que aprendam ao longo dos anos indica que não se trata de uma metade qualquer, mas de alunos, majoritariamente, oriundos das camadas populares.

Como se sabe, vários especialistas e pesquisadores se empenharam em saber por que esses alunos não aprendem. O que se tem certeza é de que estas crianças precisam ser motivadas para tarefas significativas, desafiadoras. O

educador deve introduzir com propriedade, propostas e desafios adaptados à situação de impasse, isto é, oferecer novas condições de aprendizagem e de elaboração mental, além de uma postura firme e criativa.

A escola contribui para o fracasso escolar à medida que o sistema de ensino se torna um reflexo da sociedade na qual está inserido.

A má qualidade de ensino, resultado da desestrutura da escola, da falta de preparação do professor e do não acompanhamento do desejo do aluno, provoca um desestímulo na busca do conhecimento, faltando o prazer tanto no ato de ensinar quanto no de aprender, uma vez que o investimento emocional é fundamental para o processo ensino-aprendizagem.

Soares(1999, p. 67) retrata que:

O professor é responsável e co-participante na construção da vida daqueles que, direta ou indiretamente, convivem com ele na Escola. Pelas suas atitudes, suas aulas e seu planejamento passam sentimentos, conhecimentos, conceitos e preconceitos. Um conteúdo que não é ensinado de maneira formal, mas que se efetiva pelo modo de ser e pelo modelo que se constituem aos seus alunos e demais pessoas com as quais se relacionada no cotidiano da sua prática docente.

A escola é especialista em tirar a coragem da criança:

Porque ela mostra de modo constante, que quem tem idéias é o professor e não a criança, ou seja, esta não tem capacidade de pensar. Assim, a criança acaba acreditando em tais concepções e se desvalorizando ao longo dos seus estudos. (SALTINI, 1997, p. 18)

Um dos fatores que geram esse fracasso escolar é o não-prazer pela leitura, e conseqüentemente a não vontade de estar na escola, de não aprender.

Recorda-se o célebre e belo quadro de Renoir, La Liseuse:

A mulher e seu livro, toda a luz em sua face e em seu livro, olhos baixos presos ao texto, indiferentes ao espectador, ao que está em volta; e nem há nada em volta, que é feito só de sombras e cores, azuis e verdes e cinzas. Nenhuma forma, ou objeto: só a mulher e seu livro, e a luz que ilumina rosto e página, nada mais.

Será a leitura esse ato solitário, que afasta o mundo e do mundo? Só o leitor e o texto? O isolamento, o mundo ausente, espaço/tempo de incontaminada

intersubjetividade?

Não. O ato ou processo da leitura é bastante complexo. O ato de ler pode ser realizado através da percepção da palavra, seu reconhecimento; da compreensão da palavra; da reação intelectual, emocional baseada nas experiências do leitor e através da integração às experiências do leitor.

Essas quatro coisas são um só ato - a leitura - e dão-se quase que ao mesmo tempo. Ler, para Soares(1999, p. 68):

É, pois, compreender, julgar, raciocinar, encontrando soluções para problemas apresentados. A compreensão é a alma da leitura. Sem ela não haverá reação nem interação, não haverá, portanto leitura, como não há vida num corpo sem alma.

Pode-se acreditar que a leitura é um instrumento de comunicação; a aquisição de muitos hábitos e habilidades complexas, um processo de compreender, pensar, sentir; reagir; um processo contínuo que se prolonga por muitos anos; um processo necessário para aprender.

A leitura é um ato cultural em seu sentido amplo, que não se esgota na educação formal tal como esta tem sido definida. Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Toda política de leitura começa com a formação dos formadores para que eles mesmos sejam excelentes “praticantes”.

Através de experiência concreta de possíveis processos de interlocução com textos/ autores, é possível desenvolver atividades de leitura de quatro tipos:

A leitura – busca de informações: A característica básica dessa postura ante o texto tem por o objetivo do leitor extrair do texto uma informação. Se esse objetivo pode definir a interlocução que está estabelecendo no processo da leitura, outros objetivos definem o porquê de se estabelecer a própria interlocução. Uma “leitura - busca de informações” - não precisa ser necessariamente aquela que se faz com textos de jornais, livros científicos. Também com o chamado texto literário essa forma de interlocução é possível.

Pensa-se, por exemplo, na leitura de romances para extrair deles informações a propósito do ambiente da época, da forma como as pessoas, por

intermédio das personagens, encaram a vida, etc.

A leitura – estudo do texto: Infelizmente, é preciso novamente reconhecer que é mais praticada em aulas de outras disciplinas do que nas aulas de língua portuguesa que, em princípio, deveriam desenvolver precisamente as mais variadas formas de interlocução leitor/texto/autor.

Segundo Jolibert (1994, p. 56):

Um roteiro que parece ser suficientemente amplo e ao mesmo tempo útil, no estudo de textos, é a especificação da tese defendida no texto; dos argumentos apresentados em favor da tese defendida; dos contra-argumentos levados em teses contrárias; e da coerência entre tese e argumentos.

Cada uma dessas especificações pode ser desdobrada em outras, pondo em questão tanto a tese que pretende ser defendida quanto à veracidade e a validade dos argumentos apresentados.

A leitura do texto - pretexto - envolve uma rede muito grande de questões. Pretexto para o aluno (aquele que, sendo o aprendiz, deveria dirigir sua aprendizagem); pretextos para o professor.

Dramatizar uma narrativa, transformar um poema em coro falado, ilustrar uma história, são apenas três dos múltiplos pretextos que podem definir o tipo de interlocução do leitor/ texto/ autor. Pode-se fazer de qualquer texto um pretexto. (JOLIBERT, 1994, p. 58)

A leitura – fruição do texto: No sistema capitalista, de uma atividade importa seu produto. “A fruição, o prazer, estão excluídos. A escola, reproduzindo o sistema e preparando para ele, exclui qualquer atividade ‘não-rendosa’” (JOLIBERT, 1994, p. 59): lê-se um romance para preencher uma “famigerada” ficha de leitura, para fazer uma prova ou até mesmo para se ver livre da recuperação (Você foi mal na prova? Castigo: ler o romance X até o dia D. Depois, férias...).

Está no interior dessa mesma ideologia da atividade produtiva a questão sempre levada por professores, bem intencionados, relativa à avaliação de uma atividade: “Se não é exigido nada como resultado dessa leitura, como saber se o aluno leu?” Com “a leitura – fruição de texto” pretende-se recuperar de nossa experiência uma forma de interlocução praticamente ausente nas aulas de língua portuguesa; o ler por ler, gratuitamente. E o gratuitamente aqui não quer dizer que tal leitura não tenha um resultado O que define esse tipo de interlocução é o

“desinteresse” pelo controle do resultado, ou seja, não seja uma leitura por imposição, por troca.

Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio - o prazer - parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”.

De acordo com Zilberman (2005, p. 34), para tanto, é necessário recuperar da nossa vivência de leitores três princípios:

- O caminho do leitor;
- O circuito do livro,
- Não há leitura qualitativa no leitor de um livro.

Nóbrega (1999, p. 3), ao escrever a frase de Boff : “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” Assim, tal frase vem nos colocar em reflexão onde os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. “As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto” (NÓBREGA, 1999, p. 3).

Espera-se que esses apontamentos a propósito da leitura e de sua prática na escola cumpram o fim a que se destinam: uma interlocução honesta com seus possíveis leitores. E honesta, aqui, sem sentido moralista. Honesta porque só se concretizará com o outro – leitor que o completará por sua palavra.

Diversos fatores contribuem, cada vez mais para que a criança se afaste do livro e da leitura, e, se deixe envolver por outras atividades mais atrativas. A televisão, exemplo mais óbvio, se impõe como forte adversária, uma vez que pela sua própria estrutura, se mostra muito mais competente na arte da sedução: a TV simula um oferecimento descomprometido, afeta uma relação ilusória de participação, tem as informações já prontas, que chegam ao espectador sem que se exija dele o menor esforço; dispensa reflexões.

O livro por sua vez, quase nunca é oferecido à criança, não, raras vezes é imposto: sob pena de notas baixas, cobra-se que seja lido e interpretado. Na maioria das vezes, as interpretações se restringem a uma ficha literária.

De acordo com o que se pode observar acerca da leitura, não se tem procurado modificar as condições de produção de leitura do aluno: ou ele já tem as tais condições ou ele é obrigado a decorar, imitar, repetir.

Outro ponto importante a ser mencionado é que alguns pais pertencentes às camadas populares vêem a prática da leitura como um instrumento para obtenção de melhores condições de vida.

Muitas vezes, o professor preocupado em saber se seus alunos estão realmente lendo os livros indicados, captando deles todos os elementos de sugestão e formando o gosto e o hábito de leitura, usa procedimentos cujo efeito é exatamente o oposto do que deseja. Frequentemente, o “controle”, o “estudo”, e a “avaliação” do livro lido representam para o aluno mais um estímulo aversivo que positivo.

Diante de diversos fatores, não é difícil concluir que as crianças não lêem. Por que não gostam? Não querem? Não podem? Algumas não gostam mesmos e, outras, não querem de modo nenhum: mas, com certeza, à imensa maioria, o livro não é oferecido, o acesso não é facilitado. O referencial de leitura que elas possuem é o de uma tarefa obrigatória, que aprova ou reprova ao final do período letivo. O prazer do texto, não é experimentado por esses pequenos leitores.

Que diriam as crianças se pudessem ter em suas escolas a coleção de Monteiro Lobato, os contos de Grimm além da produção literária, de salas de leitura amplas, coloridas, com almofadões e estrelas salpicadas pelo chão? De salas onde Pequeno Polegar, A Bela Adormecida e o Chapeuzinho Vermelho às convidassem a entrar nos castelos e a conhecer os segredos das florestas? Aí caberia a perguntar: criança gosta de ler?

Não é por acaso que a expressão “escolarização da leitura”, através de estudos de especialistas, é alto o índice de crianças que só aprende a ler na escola. De acordo com Zilberman(2005, p. 37):

Espera-se que as crianças aprendam a decifrar o escrito para poder ler com autonomia diferentes gêneros de textos. Assim, é possível entender porque um leitor iniciado nas práticas leitoras na escola deva não apenas ler, mas também mostrar que lê, pois seu sucesso no interior da própria escola dependerá, e muito, de sua competência leitora, já que os textos estão presentes em todas as disciplinas.

Leitura é ato voluntário. Não se pode iludir. Ninguém obriga ninguém a ler, até porque, o leitor poderá fingir que lê. O aluno que se submete às imposições deixa de ser leitor tão logo deixe de ser aluno. É possível que um livro possa mobilizar intensamente um leitor, provocando verdadeiros terremotos internos. Mas é necessário que o leitor, ao ler, permita ser tocado pelas palavras. Este momento

ocorrerá quando o leitor souber compreender e interpretar textos - ações que o leitor realiza no próprio ato de ler.

Soares (1999, p. 68), relata a seguinte afirmação:

A escola sempre privilegiou – e a despeito da democratização do ensino, continua a privilegiar – a cultura e a linguagem dessas classes, que são diferentes da cultura e da linguagem das classes desfavorecidas. Não se tendo reformulado para seus novos objetivos e sua nova função, a escola é que vem gerando o conflito, a crise, que é resultado de transformações, quantitativas – maior número de alunos – e, sobretudo, qualitativas – distância cultural e lingüística entre os alunos a que ela tradicionalmente vinha servindo e os novos alunos que conquistaram o direito de também serem por ela servidos.

Se a escola quer formar leitores além de seus muros, precisa organizar-se em torno de um projeto claro com o qual toda a equipe escolar esteja comprometida. É fundamental ter uma constante ampliação do acervo, desburocratizar o acesso ao livro e, constituir-se em uma comunidade leitora.

As atividades em torno da leitura devem ocorrer para que o leitor em formação desenvolva suas habilidades de leitura e compartilhe com um leitor mais experiente os sentidos dos textos que lê. Ler junto, ler com, compartilhando a experiência.

Outro ponto importante, é a diversidade de estratégias de leitura. Esta, ao ser elaborada de acordo com o meio no qual se vive e a partir do momento histórico em que o texto é produzido, considera-se um processo de acepção dos textos e, conseqüentemente, o processo de sua compreensão.

Compreende-se que o tempo reservado para a leitura é variável. De acordo com o tempo disponível que se tem para realizar a leitura, pode-se compreender ou não o que está sendo lido. Esta variação está inserida no aspecto social. Mas estamos conscientes, que, como profissionais da Educação, devemos ter o hábito de ler até mesmo fora do ambiente escolar para ficarmos inseridos com o processo de globalização em que vivemos. Somente assim é que poderemos auxiliar e motivar nossos alunos a exercitar a leitura com prazer.

“Os sentidos dados aos textos relacionam-se com a situação de uso. O autor, ao escrever um texto, dá direções ao leitor para compreender o que quer que seja compreensível” (ZILBERMAN, 2005, p. 34).

No entanto, há previsão de que a maneira como o leitor recebe o texto possa intervir nas interpretações do mesmo. Os textos produzidos hoje podem ou não ser lidos no amanhã, ou seja, podemos ler textos de diversos estilos e de diferentes épocas.

Um exemplo citado: na escola, os alunos recebem textos de autores consagrados e, possivelmente, considerados o ideal para a leitura. Porém, a maneira apresentada pelos professores não os agrada, tendo assim, a desmotivação para a leitura destes. A falta de motivação ao apresentar os textos aos leitores inibe a ânsia de descobrir novas fantasias no seu mundo imaginário. Temos que sondar nossos alunos para descobrir que tipo de textos eles sentem prazer ao ler.

O leitor que cativa o hábito pela leitura, procura sempre bons textos, adquirindo a capacidade de analisar e concluir sobre o que lê.

Para uma criança, ao se ver obrigada a fazer uma leitura tendo quer compreender o que está escrito, não estando apta para a tarefa se frustra, lendo-a mecanicamente. Para ela, o conjunto de palavras e frases há um sentido significativo. Não estando preparada para compreender o que está escrito, pode haver recusa de ler (ZILBERMAN, 2005, p. 34).

A intertextualidade é um outro ponto considerado um fator importante e necessário para a construção de sujeitos leitores no mundo letrado. Faz-se permitir a compreensão de um texto ao relacionar-se com outros, servindo como interventor entre idéias e leitor.

No mundo atual, a preocupação vem sendo maior em relação aos analfabetos funcionais, sujeitos que decifram signos lingüísticos (lêem, escrevem, mas não interpretam).

A grande diferença entre alfabetização e letramento, entre alfabetizado e letrado: um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não mas só aquele que sabe ler e escrever que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2004, p. 39-40).



Para a formação de um leitor competente, a escola necessita de uma intensiva estratégia. Sua equipe pedagógica deve fazer com que a criança se envolva no mundo da leitura, esquecendo de avaliá-la - principal resultado negativo - e não considerar o fator social, o desinteresse ou a imaturidade como os elementos fundamentais para o fracasso da leitura.

Aprender a ler é envolvente, é como desvendar pistas. Com a ajuda do educador, através das intervenções, observamos seu desenvolvimento cognitivo (associação, classificação, nomeação). São através dos conflitos que os ajustes serão feitos, havendo a progressão do sistema.

Uma criança que não sabe ler, quando entra na escola, sua imaginação está “cheia de vida”. A escola, instituição considerada capaz de construir sujeito-leitor, não sabendo como conduzir este trabalho pode bloquear a relação do sujeito à prática inexistente da leitura. Para que esta imaginação não seja bloqueada, os educadores têm a incumbência de fazer a interação entre leitor e leitura.

“O sujeito-leitor que ao mesmo tempo é livre para compreender os sentidos adquiridos através da leitura está preso a uma certa exigência de como deve dar sentido ao que lê” (OLIVEIRA, 2000, p. 23).

Cabe às escolas a difícil tarefa de colocar de acordo as regras impostas e a liberdade de determinar os sentidos do que se lê.

Assim, no próximo e último capítulo mostrará como a escola com a junção gestor educacional/professor pode realizar um bom trabalho para que a criança não fracasse na escola devido ao desprazer da leitura, ou seja, devido a ela ter que ler um livro por imposição e não por prazer.

### **3 - A UNIÃO GESTÃO ESCOLAR/PROFESSOR NO DESPERTAR DO INTERESSE PELA LEITURA**

Como iscas, a literatura pode “fisgar” a bagagem íntima de cada indivíduo e fazer despertar momentos em que a emoção alia-se à magia. O resultado pode ser a reversão de um cotidiano escolar sem criatividade.

(Diléia Pires).

Mas, Como formar leitores e produtores de textos?

Desde que nascemos somos leitores deste mundo. Classificando, categorizando e relacionando referências, informações, conhecimentos, certezas, incertezas, problemas, soluções vamos formando cadeias de conhecimento. Nós mesmos, aos constituirmos como pessoas deste mundo, vamos nos tornando referências desse mesmo mundo. Somos, portanto, fruto desse mundo e dessa história. Somos pequenas histórias que estão dentro de grandes histórias, pois, fazemos parte de um mundo e de uma história construídos por muitos homens e mulheres que nos antecederam.

A compreensão dos processos pelos quais se aprende a ler e escrever só foram possíveis a partir das últimas duas décadas.

O processo pelo qual se aprende a ler e escrever são o mesmo, em linhas gerais, para indivíduos de diferentes classes sociais, inclusive tanto para crianças como para adultos. A diferença reside nas experiências prévias destes alunos com práticas sociais de leitura e escrita.

Recente pesquisa sobre a aprendizagem da leitura e da escrita mostrou que a alfabetização é fruto de um processo de construção de hipóteses; não é decorrência direta destas capacidades, mas sim de procedimentos de análise da

língua escrita por parte de quem aprende: por trás da mão que escreve e do olho que vê, existe um ser humano que pensa e, por isso, se alfabetiza.

Algumas crianças não aprendem a ler e escrever aos seis ou sete anos pela mesma razão que as outras não aprendem a cozinhar, lavar, passar, etc. Respeitar e considerar as diferenças, valorizar os saberes que os alunos possuem e criar um contexto escolar favorável à aprendizagem não são apenas valores de natureza ética: são à base de um trabalho pedagógico comprometido com o sucesso das aprendizagens de todos.

Segundo Bordini(2005, p. 8):

Para aprender a interpretar textos, redigir textos e refletir sobre eles e sobre a escrita convencional, não basta memorizar definições e seqüências de passos a serem desenvolvidos. É preciso exercitar essas atividades com freqüência, para chegar a realizá-las com habilidade e desenvoltura. Procedimentos - quaisquer procedimentos - são aprendidos com o uso.

Para poder ler textos quando ainda não se sabe ler convencionalmente, é preciso utilizar o conhecimento de que se dispõe sobre o valor sonoro convencional das letras e ter informações parciais acerca do conteúdo do texto, podendo assim fazer suposições a respeito do que se pode estar escrito.

É preciso utilizar simultaneamente estratégias de leitura que implicam decodificação, seleção, antecipação, inferência e verificação. E, em alguns casos, ajustar o conteúdo que se sabe de cor ao que está escrito. Para poder interpretar a própria escrita (ler o que escreveu) quando ainda não se sabe ler e escrever, é preciso justificar as escolhas feitas, para si mesmo e para os outros, com todas as explicações que isso demanda: por que sobram letras, ou por que elas parecem estar fora de ordem, por que parece estar escrito errado conforme seu próprio critério, etc.

O espaço da sala de aula deve ser um espaço de formação de leitores. Um espaço, portanto, com muitas leituras. Leitura das crianças, leitura dos professores, de livros, de jornais, de panfletos, de músicas, de poesias e do que mais se tornar significativo. Leituras de vários autores e com várias intenções.

Assim, Bordini(2005, p. 9), destaca que o trabalho com a multiplicidade de textos depende:

- Das características dos alunos;
- Do momento de inclusão no planejamento;

- Do nível de aprofundamento desejado.

O que se pretende é que o aluno seja progressivamente produtor e leitor do próprio texto.

Deve ser desenvolvido o uso fun 28 da linguagem, a partir dos mais variados tipos de textos, trabalhando com as crianças os seguintes itens:

- Quem escreve?
- Qual é a finalidade do texto?
- Para quem se escreve?

O professor, junto com os alunos, utiliza:

- Diferentes textos e atividades para responder a essas perguntas.
- Se esses materiais permitirem, faz uma produção escrita utilizando aqueles que estão sendo focalizados.

Abaixo mostraremos os vários tipos de textos que podem ser trabalhados na sala de aula.

TEXTOS PRÁTICOS		TEXTOS INFORMATIVOS		TEXTOS LITERÁRIOS		TEXTOS EXTRA-VERBAIS
. conta de água, luz, telefone	.carnê	São textos cujos conteúdos provêm do campo das ciências em geral. Seu vocabulário é preciso, objetivo.	.entrevista	São textos que privilegiam a mensagem, combinam os diferentes elementos da língua, propiciando vários efeitos estéticos e de sentidos	. diário	. ilustração
. cartão de crédito	. bula de remédio	. jornal	.cartografia	. narração	.crônica	. escultura
. bilhete	. cartaz comercial	. enciclopédia	-	. conto de fada	. paródia	. mímica
. cheque	. cardápio	. dicionário	-	. poema cantado	. novela	. arquitetura
. embalagem	. receita	. álbum	-	. história infantil	. apologo	. história em quadinhos (sem texto)

. propa- -ganda	. agenda	. Constituição brasileira	-	. anedota	. poesia	. quadro
. convite	. carta	. biografia	-	. conto	-	. música
. manual	. anúncio	. resumo	-	. descrição	-	. gesto sinal de trânsito
. listagem	. relatório	. gramática	-	. sinopse	-	. gravura
. ofício	. ficha	. revista	-	. dissertação	-	-
. calendá- -rio	. telegrama	. texto histó- -rico	-	. <i>script</i>	-	-
. ata	. currículo	. texto	-	. fábula	-	-
. itinerário	. nota fiscal	. geográfico	-	-	-	-
. documen- -to	. ingresso	-	-	-	-	-
. passa- -gem	. programa de teatro	-	-	-	-	-
. catálogo	. contrato	-	-	-	-	-

**Quadro 1** – Tipos de textos

**Fonte:** Bordoni(2005, p. 9.)

De acordo com Freire(1981, p. 141), a dinâmica do trabalho com textos é apresentada da seguinte forma:

- Exploração oral.
- Criar um clima favorável à leitura.
- Trabalhar o título do texto e seu autor.
- Desenvolver a capacidade de dedução de significado das palavras.
- Abrir espaço para discussão do conteúdo do texto.

Se o educador deseja inculcar um hábito saudável de leitura, duradouro, faz-se necessário ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento do educando e motivá-lo a ir ajustando suas leituras, à medida que as necessidades intelectuais as condições ambientais forem mudando, sem barrá-los nem impondo nossos gostos, mas principalmente oferecendo fruição no ato de ler.

Mas como trabalhar os textos na sala de aula?

Antes, cabe fazer uma observação. É preciso ter a preocupação de fazer a filtragem dos livros a serem lidos pelas crianças, ou seja leituras antecipadas para evitar aborrecimentos, principalmente em relação à idade.

Assim, a idéia é tornar o hábito da leitura sempre interessante e divertida, para ser motivo de satisfação executá-la ou vivenciá-la.

O professor como integrante do grupo deve refletir na sua prática pedagógica, a utilização da história como instrumento do seu trabalho. Acreditamos que existam pessoas com mais habilidades que outras para contar histórias, porém, todo professor mesmo sem ser artista poderá, acreditamos, criar uma maneira mais gostosa possível para que seu aluno se sinta a vontade.

É muito importante o professor variar o local das suas aulas, sempre que possível. Qualquer lugar tranquilo e silencioso, onde a leitura do professor não seja interrompida e onde as crianças sintam-se à vontade, em clima para ouvir história, é um bom lugar.

O professor contador de história precisa procurar desenvolver em si algumas qualidades que irão garantir-lhe sucesso: precisa vibrar, sentir, viver a história; ter a expressão viva, ardente, sugestiva; narrar com naturalidade, sem afetação; saber dominar a voz, sem exageros. A entonação de voz é muito importante e determina, em grande parte, o sucesso da atividade. A voz deverá adequar-se à narrativa, com boa dicção, expressão correta e agradável, em altura conforme a acústica do ambiente.

O professor precisa ainda ser comedido nos gestos. O gesto é um dos recursos mais preciosos, mas precisa ser usado com moderação, sem exageros. Deve ser simples, expressivo, variado, espontâneo e adequado à passagem narrada.

Uma outra preocupação do professor deverá ser o domínio do auditório. Antes de iniciar a leitura deverá “negociar” com a classe os “combinados” para a hora da história. O silêncio no início da atividade é indispensável, pois o interesse despertado pelo bom começo poderá garantir o silêncio até o final.

Segundo Zilberman (2005, p. 21), “A proposta de que a leitura seja reintroduzida na sala de aula significa o resgate de sua função primordial, buscando sobretudo a recuperação do contrato do aluno com a obra de ficção”.

O desenvolvimento da linguagem é uma experiência pessoal e individual, ou seja, depende das relações de cada indivíduo no processo comunicativo. Cabe a

escola proporcionar as mais variadas situações de interação para que o aluno tenha condições de desenvolver sua capacidade no processo de leitura, que é uma fonte geradora na produção de novos conhecimentos.

Quanto mais a leitura for exercida pelo indivíduo, maior será sua chance de ampliar seu conhecimento de mundo. É comum ouvir dos professores que é preciso criar o “hábito de leitura” nas crianças. Entende-se que “hábito” é algo que se faz mecanicamente, sem a preocupação de buscar significados porém o que deve ser incentivado é o “gosto pela leitura”, onde a criança sinta prazer quando está lendo.

E, para as crianças que ainda não despertaram para essa compreensão, o ler as ilustrações, é o suficiente para entenderem as histórias, contá-las ou recontá-las aos amigos. As histórias lidas ou contadas constituem sempre uma fonte de sentimentos e emoções que não acabam quando chegam ao fim. A história incorpora na mente da criança com um alimento de sua imaginação criadora, abrindo caminhos para as suas próprias produções.

Assim, os comentários das crianças sobre as partes da história de que mais gostaram apontarão ao professor uma série de opções para aproveitar o entusiasmo dos alunos para com a história e fazer surgirem inúmeras outras atividades ricas e lúdicas na classe. Até planejar módulos de aprendizagem, para aprofundar aspectos do conteúdo programático, terão sucesso garantido. A seguir, através de Bomtempo(2000, p.13), citaremos algumas sugestões que poderão ser utilizadas para o desenvolvimento da leitura e da escrita:

- Organizar um projeto didático relacionado, por exemplo, fazer a reescrita da história, ilustrar, montar um livro, encadernar e promover uma tarde de autógrafos, com a participação dos pais.
- Recontar a história com fantoches; com o uso do “microfone” de fantasia, na “televisão” que os alunos construíram; ou ainda, fazer um reconto coletivo, com as crianças continuando do ponto em que o colega parou; ou recontando a história com a mediação do professor.
- Realizar dramatizações espontâneas.
- Explorar as ilustrações, identificando o texto sugerido nelas.
- Caracterizar personagens (bom momento para identificar valores humanos universais).
- Desenhar, recortar, colar, montar cenas da história e produzir textos sobre o material confeccionado.
- Cantar, recitar, músicas e poemas relacionados com a história.
- Criar outras histórias a partir dos trabalhos dos alunos.
- Produzir um texto que conta como seria se a Bela Adormecida acordasse hoje (o que não existia a cem anos atrás / como ela iria viver e sobreviver). O professor poderá organizar módulos de

aprendizagem, para extrapolar e trabalhar conteúdos programáticos com muito sucesso.

- Criar um encontro entre personagens de várias histórias. Exemplo: como seria um encontro entre as princesas (ou entre os príncipes) dos contos de fada, já velhinhos?
- Recontar a história, introduzindo algum elemento da modernidade que ainda não existia no tempo em que se passa a história. Exemplo: recontar a história do Chapeuzinho Vermelho que tinha um telefone celular.
- Mudar o foco da narrativa: Como seria a história contada por Chapeuzinho Vermelho? Contada pelo lobo? Contada pela vovó? Ou contada pelos caçadores? Como seria a história da Branca de Neve se a rainha tivesse dado à luz um menino e não uma menina?
- Criar história com interferência, a partir da história lida com a participação de todos os alunos da classe.
- Dramatizar a história, como uma peça de teatro.
- Recontar a história semidramatizada com a ajuda do teatro de sombras, do retro projetor ou com slides. O professor poderá utilizar também o computador e todos os seus recursos. Recontar a história em quadrinhos.... enfim, brincar com a história.

Todas essas atividades poderão ser utilizadas pelo professor em sua sala de aula, para incentivar o aluno a ler e a escrever mais. É evidente, como já foi dito, que ele precisa conhecer bem o livro antes de apresentá-lo à classe. O que implica sua constante atualização, a fim de saber selecionar a obra, previamente.

Um bom livro propõe questões, sugere pensamentos, lança dúvidas e instiga a imaginação e a criatividade. A passagem do real para o imaginário se faz sem deixar de encaminhar o processo de conhecimento, com a absoluta naturalidade que convém ao espírito infantil.

Portanto, é de extrema importância o professor realizar um planejamento prévio.

O momento da motivação ocorre antes do texto ser apresentada a criança, nesta etapa o professor deve despertar a curiosidade e a atenção dos ouvintes e estes deverão entrar na história como parte atuante. Os recursos vão desde a mais simples apresentação da capa do livro até onde ir a criatividade do professor.

Um outro momento é o da apresentação do texto, durante a elaboração do planejamento, o professor decide qual o recurso utilizado para apoiar a narração. O melhor é que o professor procure alternar as formas de apresentação, não esquecendo, porém, que em qualquer circunstância o sucesso da história, a



satisfação da criança e a construção da aprendizagem se apresentam na mesma proporção da criatividade do professor.

Variar técnicas e metodologias de apresentação e desenvolvimento é necessário a expectativas positivas de um grupo frente aos conteúdos desenvolvidos.

São propostas que podem e devem ser adequadas a cada grupo, entre outras (GARCEZ, 2004, p.20-21):

- construção de fantoches com sucatas;
- confecção de maquetes com materiais diversos;
- realização de desenhos, colagens, pinturas, esculturas;
- desenvolvimento de atividades de expressão corporal, como mímica e jogos teatrais;
- criação de novos finais para mesma história;
- criação de uma nova história com mesmos personagens;
- confecção de ilustrações novas para um livro;
- seleção de palavras da história para criar outras histórias;
- criação de jogos educativos para trabalho de ortografia, gramática e vocabulário – memórias, dominós, bingos, quebra-cabeças – com palavras e desenhos da história;
- organização de um tribunal para defender personagens opostos (bruxas e princesa, por exemplo);
- organização de novo texto a partir de pedaços de texto lido, porém desordenados;
- construção de texto coletivo sobre as percepções da leitura de livro;
- confecção de história seriada (história em quadrinhos), a partir de uma leitura;
- organização de álbum de figurinhas com a ficha pessoal de cada personagem;
- construção de jogos de tabuleiro, com ações segundo a seqüência dos dados e piões no mesmo;
- organização de um alfabetário de um livro;
- realização de pesquisa sobre a vida e a obra de autores trabalhados;
- criação de rimas e poesias a partir de tema de livro.

É fundamental que, durante este processo, as crianças, que são os principais interlocutores dessa trajetória sejam ouvidas. Cada uma terá sua impressão pessoal sobre a história, que nem sempre será positiva, o que deve ser sempre rejeitado. Através da proposta de trabalho delineada, é importante que cada um tenha a chance de recriar aquilo de que não gostou, buscando novas soluções para uma situação, observando se, de alguma forma, essa situação está presente em sua realidade diária.

Outro momento diz respeito às atividades da exploração do texto, o objetivo é verificar de maneira lúdica se a história foi compreendida. Chamar a atenção para os aspectos estruturais do texto e discutir questões levantadas a partir de sua audição, é o momento da realização de uma verdadeira análise da obra.

Recortar, dramatizar, desenhar, montar painéis e quebra cabeças, modelarem fazer dobraduras, construir maquetes, criar novos textos, dançar, montar álbuns, brincar, são atividades que podem ser desenvolvidas com a finalidade de recompor as seqüências narrativas, estabelecer personagens dos espaços, do tempo e do tema proposto.

Lembra Abramovich(1991, p. 67):

Há poetas que brincam com as palavras de um modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lida com toda ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçado no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pelas páginas quase como uma cantiga e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui.

Cabe não esquecermos das atividades pós-leitura. Algumas atividades pós-leituras (GARCEZ, 2004, p.21):

- criar história a partir de um desenho específico;
- sortear palavras de listas elaboradas pelos alunos e apresentá-las em uma produção coletiva;
- fazer brincadeiras com rimas, criando versos, poesias e letras de músicas;
- escrever sobre assuntos encontrados em recortes de jornais e revistas;
- escolher um país para ser estudado e escrever uma história que se passe nesse ambiente;
- selecionar frases soltas de várias histórias e reuni-las formando uma história para louco;
- organizar um dicionário das palavras da turma;
- montar o jornal mural das informações da turma, podendo transformar-se em espaço de troca entre turmas da escola;
- criar um elo de troca de correspondência com turmas de outras escolas, através de cartas ou correio eletrônico (e-mail), se a escola possuir laboratório de informática;
- trabalhar na criação de textos, ilustrações, colagens e confeccionar livros com as histórias criadas pelos alunos seja coletivo ou individual.

Infelizmente, a realidade atual mostra que a forma de desenvolver as atividades, a partir de uma história, tem sido a maior vilã dos professores na aquisição do prazer de ler.

Ler é um trabalho de detetive, é como achar “pistas” no que é apresentado pela escola. Ler é construir significados e quanto mais lemos maior é a rede de sentidos que podemos tecer. Ler é dialogar com o autor, com seu contexto histórico, social e cultural, é preencher os vazios de modo ímpar, utilizando seus conhecimentos prévios.

Para Cunha (2002, p. 27-29), na busca de leituras diferentes, lendo-as de modo diferente, extrairemos resultados diferentes.

Trabalhar com os alunos essa diversidade de textos significa a partir de suas características: comparar uns e outros: levar para a sala de aula revistas, jornais, livros; visitar uma biblioteca para viver as situações; perceber diferenças; discutir as opções mais adequadas a cada objetivo de leitura.

Os livros que nós professores usamos na biblioteca são para satisfazer os nossos desejos. Neles buscamos informações sem que ninguém nos imponha o que fazer, o que ler e o que escrever. Os livros da biblioteca da escola ou sala devem ser folheados e apreciados pelos alunos, pais, professores e por todos que fazem parte da comunidade escolar. Junto aos livros, às estantes, corpo e alma, há vida. E na nossa vida permanecem nossas histórias, medos, anseios, dúvidas, desejos, afazeres, dizeres e saberes.

Para agradar o espírito infantil, a literatura deve apresentar determinadas características importantes, como:

- É essencialmente a mesma obra de arte para o adulto, diferencia apenas na complexidade de concepção, ou seja, é mais simples em seus recursos. Entretanto, não menos valiosa.
- A linguagem é mais simples.
- A trama da estória deve ser algo que chama a atenção da criança no sentido da mesma não ser tão acabada, e sim misteriosa, cheia de lacunas, para que a criança crie um comportamento, pois ela é capaz de chegar a conclusões, de ter posições, de perceber os arranjos.

Como nos revela Alceu Amoroso Lima *apud* Cunha (1986, p. 59), “se ela percebe desde logo que a literatura é apenas uma forma de educação e, portanto,

mais um empecilho à sua liberdade, não há como lhe impedir a repugnância espontânea a essa nova limitação”.

As obras devem possuir um ar otimista, alegre, espontâneo, o gosto pela vida, o humor.

- O código verbal escrito:
  - Para as muito pequenas, que não sabem ler, o desenho das palavras não lhes atrai, pois não significa nada para elas. O texto deve ser pequeno para levá-las à observação das figuras. Os livros maiores que o normal e com formato da personagem principal, como por exemplo, um animalzinho ou uma criança, recortados.
  - Para as crianças que estão começando a ler: também predomina a ilustração, e o texto em letras grandes e redondas.
  - À medida que a criança evolui na leitura: as ilustrações reduzem em favor do texto, as letras diminuem até o formato e o tamanho normais.

Cunha (1986, p.61), nos comunica que “não basta ter ilustração para agradar à criança: importa não só ser bem feita, como também ser sugestiva, dar aos meninos oportunidades de recriar, imaginar, ir além do próprio desenho”.

- O aspecto de durabilidade: O tipo de papel, o tipo da capa, a forma de acabamento determinam um produto final mais ou menos belo, mais ou menos durável, mais ou menos caro - pelo que são aspectos importantes na análise da obra (CUNHA, 1986, p.61).
- A editoração de livros para crianças deveria possuir cuidado com o texto e com a ilustração, infelizmente quase sempre há um grande interesse quanto à parte material e um descuido com relação ao texto.
- Quanto a narrativa, esta deve possuir dramatismo e movimentação. Irrequieta por natureza, incapaz de uma atenção demorada, a criança irá interessar-se naturalmente pelos livros onde todo momento apareçam fatos novos e interessantes, cheios de peripécias e situações imprevistas, movimentando-se assim o espírito infantil (CUNHA, 1986, p.76).

Como por exemplo:

- as poções, adivinhas, instrumentos e palavras mágicas;

- histórias apresentando um caráter iniciático, nas quais o herói parte, enfrenta desafios, é engolido por um peixe, perde a memória, vê-se transformado num monstro e retorna modificado;
- imagens recorrentes como vãos mágicos, monstros, oxímoros, etc.

De acordo com LOBATO *apud* SILVA(1998, p.12):

A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto. Nos livros ela quer que lhe demos cartolas, coisas mais altas do que podem entender. Isso a lisonjeia tremendamente. Mas se o tempo inteiro a tratamos puerilmente, ela nos manda às favas.

Com relação às falas e aos pensamentos dos personagens, a melhor apresentação vem com o discurso direto, o diálogo dá um grande realismo a cena.

E finalmente o desfecho feliz. Esse é um requisito essencial sobretudo para as crianças, porque elas vivem a história, identificam-se com a personagem simpática, e o final desagradável as tornariam tristes. E porque se a história foi escrita para elas.

Assim, lidas ou contadas as estórias constituem-se em generoso processo educativo, pois ensinam recreando, dando a criança os estímulos e motivações apropriadas para satisfazer suas tendências, seus interesses, suas necessidades, seus desejos, sua sensibilidade.

O gosto pela leitura vem de um processo que se inicia no lar. Mesmo antes da aprendizagem da leitura, a criança aprecia o valor sonoro das palavras. Aprende-se a gostar do livro pelo afeto, quando a mãe canta ao embalar o berço, ou narra velhas histórias aprendidas pelos avós.

Sales(2001, p. 26-27), confirma com os dizeres:

Ouvir histórias é um hábito que deve ser cultivado desde bem cedo, uma vez que a criança começa a fazer a leitura dos fatos que vão surgindo no seu dia-a-dia, mesmo antes de fazer a leitura das letras. Da mesma forma, o contato com as cantigas de ninar funciona como ouvir pequenas histórias e isso contribui para que as crianças comecem a se familiarizar com as palavras de forma prazerosa. Assim, ouvir histórias desenvolve o interesse pela literatura; ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções: medos, incertezas, coragem, ousadia, tristeza, saudade, alegria; aguça a percepção dos sentidos (ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário); e principalmente, desperta o potencial crítico e criativo da criança, levando-a a pensar, avaliar, emitir sua opinião, ir além das evidências

e, por este caminho, ela passa a se conhecer enquanto agente transformador da sociedade, vendo a vida com todas as suas cores.

O papel do educador no momento que a criança vai para a escola é de assumir o compromisso com o livro, tendo o hábito de contar histórias, despertando a curiosidade pelos misteriosos signos da escrita, desafiando-os, encorajando-os, solicitando-os, provocando-os, para que essas criem e alarguem seus horizontes da cultura e do conhecimento, e conseqüentemente uma visão melhor do mundo e da realidade que a cerca.

Em todas as ações citadas, o gestor educacional deve auxiliar o professor, havendo sempre uma fusão de troca de idéias, de inovações.

Assim, esse dois agentes da educação devem elaborar uma campanha escolar para a elaboração, a criação de uma biblioteca em que todas as crianças devam participar trazendo livros doados pelos pais, pelos avós, pelos vizinhos, enfim pela comunidade do Bairro que moram. Uma biblioteca condizente com a faixa etária de sua clientela, uma biblioteca rica em contos de fadas, de textos variados, artigos gostosos de ler, pois as crianças mesmas que irão atrás do que querem ver e ler. O prazer pela leitura começa neste exato momento.

Além do que o gestor educacional deve auxiliar o professor a realizar atividades práticas variadas e incentivar o professor a trabalhar textos variados, dando o suporte a todas estas ações. Suporte este que é abrir a Escola a tudo que é novidade e enriquecedor para as crianças.

O professor deve criar com o auxílio do gestor educacional condições que ampliam as possibilidades de comunicação do leitor com a obra, numa prática pedagógica que não se detém no ensino informativo do saber já produzido, mas avança, a partir desse saber, rumo à construção de um saber novo, que considera o saber da criança e propicia a sua reelaboração. Somente assim a criança terá em mente que: ler é viajar para mundos desconhecidos, descobrir o que antes era mistério, fantasiar, deixar a imaginação aflorar dentro do texto.

Sim, pois enquanto lemos, vivemos uma experiência valiosa. A mente humana, que possui funções importantes como a memória, o raciocínio e a atenção permite que possamos experimentar tudo o que o simples prazer de ler proporciona.

Deve-se a junção gestor educacional/professor realizar projetos para incentivar a leitura pelas crianças nas mais diversas atividades realizando assim

uma combinação perfeita: trabalhar a literatura em todas as matérias para que a criança venha a sentir o prazer, o gosto pela mesma. E não somente lendo, ou seja, alfabetizando-a, mas também incentivando-a a interpretar o que ela lê, decodificando, onde entra o letramento tão em voga. Ler por ler, não. Mas, sim ler com vontade, saber interpretar, sonhar, imaginar.

O papel fundamental do gestor deve ser valorizar a leitura no desempenho escolar do aluno e para isto muitos materiais de apoio devem ser adquiridos para que os professores possam trabalhar a leitura de modo bem enriquecedor nas salas de aulas, como CD's, DVD's, livros, fantoches, enfim materiais pedagógicos. Além do que também realizar o essencial como proporcionar trocas de experiências entre os educadores através de reuniões, atividades que cada um possa revelar o que realiza com seus alunos dentro da sala de aula para incentivá-los a ter o gosto pela leitura, havendo assim sugestões diversificadas e atualizadas.

O gestor deve proporcionar aos professores idas com os alunos a ambientes diferentes, como museus, teatro, cinema, outras bibliotecas.

Entretanto, a Escola não pode ficar apenas no incentivo, deve praticar, fazer acontecer todas estas estratégias. O processo deve ocorrer de maneira efetiva e constante.

Neste meio termo, o professor deve averiguar qual estória é mais adequada a cada criança de cada faixa etária, pois depende inteiramente de seu estágio psicológico, do desenvolvimento e dos problemas que mais a pressionam no momento. Isto só a criança pode determinar e revelar pela força com que reage emocionalmente àquilo que um conto evoca na sua mente consciente e inconsciente. Assim na escola o professor observará este fator e na família o pai, mãe naturalmente devem começar a contar ou ler para seu filho uma estória que ele próprio gostava quando criança, ou ainda gosta. Se a criança não se liga à estória, isto significa que os motivos ou temas aí apresentados falharam em despertar uma resposta significativa neste momento da sua vida. Então é melhor contar-lhe um outro conto na noite seguinte. Aqui está a junção Escola/família em busca de como a criança sinta prazer em ler, a família necessariamente também deve participar desse momento tão importante para a criança.

Para que isto ocorra o gestor educacional juntamente com o professor deve dar palestras alertando aos pais que:

- Através de livros emprestados pela escola, estes façam leituras

compartilhada com seus filhos, orientando-os de como despertar interesse nos mesmos e formar hábitos para que se tornem leitores efetivos por prazer e não por imposição ou obrigação;

- O hábito de leitura familiar é de fundamental importância para o próprio hábito de leitura do aluno, porque este quando incentivado em casa terá um ambiente mais prático na própria escola. Para que isso ocorra a escola procurará propor um trabalho em parceria;
- Os pais poderão ser fortes aliados e colaboradores da escola, se lhes forem esclarecidos os objetivos e a importância da literatura na vida de seus filhos. É sempre gratificante ter os pais como participantes e colaboradores, pois, os mesmos podem relatar experiências, contar histórias e multiplicar valores referentes a vivência e cultura da comunidade;
- A escola atua como coadjuvante, parceira da família, propondo e sugerindo idéias. Sabemos que desde muito pequena a criança deve ser estimulada diariamente a prática da leitura e uma das maneiras que conseguiremos desenvolver o gosto pela leitura, será em reuniões com pais entregando um livro de literatura para cada um e pedindo para eles lerem para seu filho pelo menos uma página por dia e após terminar de ler a criança traga o livro para trocar e leva o outro que escolheu a vontade, pois se sabe que a família é fundamental na formação de bons leitores. Também pode ser feito uma parceria com um jornal da cidade onde poderão doar jornais da semana para se trabalhar com os alunos e cada semana uma sala leva este jornal para casa, para que os pais também possam ter acesso a este veículo de comunicação;
- A escola e a família são os espaços micro políticos onde a leitura deveria se desenvolver cotidianamente. Porém, considerando que 4 (quatro) milhões das famílias brasileiras com filhos de até 6 (seis) anos vivem, com meio salário mínimo, conclui-se que é na escola o lugar onde esta aprendizagem precisa ser garantida e é oferecendo a diversidade de textos que se concretiza todas as dimensões do ser humano: fato sócio-histórico-econômico, enquanto fato lingüístico e ético.

De acordo com Sales (2001, p. 28), “é, pois, triste que nem todos os pais por opção ou mesmo falta de tempo, não contam histórias infantis a seus filhos,



repassando, de forma consciente ou não, esta responsabilidade ao professor”. E este, infelizmente os deixa também em função de outras histórias atuais.

Já no sentido de diversos recursos metodológicos estes somente terão eficácia após a realização da descoberta acima. Somente assim, estes recursos metodológicos diversificados deverão ser aplicados: “utilizar e buscar de acordo com a realidade os recursos metodológicos eficazes, a escola buscará também o prazer de ler envolvendo toda a comunidade escolar, como pais, professores, alunos” (GARCEZ, 2004, p. 32).

Na fase da teoria, realmente a diversidade de textos literários como contos de fadas, fábulas, histórias em quadrinhos é que realmente traz mais incentivo a criança pelo gosto, prazer da leitura.

Portanto, opções não faltam para que se disponha a contribuir para a formação leitora prazerosa na criança. O que tem que ser feito é com uma boa didática, o modo de ser trabalhado, pois somente assim a criança vai amadurecer, elaborar projetos de estudo/trabalho, interessar-se cada vez mais por diferentes assuntos e vai construindo sua personalidade, formando seu caráter, e aflorando seu lado de prazer pela leitura, além do que irá resultar no futuro no sucesso escolar e não no temido fracasso escolar.

## CONCLUSÃO

A promoção da leitura na escola só terá êxito se for ao encontro das necessidades das crianças. Através de leituras tão ricas pode-se constatar que as crianças se tornarão leitoras reais e autônomas se a elas forem dadas condições para isto.

Cada aluno segue sua própria trajetória. Dependendo do contato que tem com os textos, materiais de leitura e motivação recebidos por parte da família ou da escola, é que vai desenvolver a habilidade de ler.

A escola pode, juntamente com se equipe pedagógica, optar por métodos mais modernos para o trabalho com a leitura, mas, em nosso estudo, podemos constatar que, diversas atividades trabalhadas no final do século XX, também são de boa qualidade, não podendo ser descartadas.

Uma equipe pedagógica, com hábitos de leituras, pode contribuir para a formação de bons leitores. A influência do meio é que pode tanto estimular a leitura como também fazer com que os educandos tenham raiva de ler. Se consciente, planejar atividades em que os alunos atuem de forma real, participando com entusiasmo, questionando sobre o que lêem, estabelecendo relações entre a leitura que fazem hoje e a leitura que fez tempos antes, enfim, sendo agentes de transformação, seguramente estará promovendo a leitura de forma prazerosa, colocando-a no ponto mais alto à nossa existência. Contudo, se a escola, como uma instituição educacional, conformar-se com a realidade em que vivemos, onde alunos passam de série sem saber ler e interpretar o que lêem, sendo chamados de “analfabetos funcionais”, incapazes de compreender qualquer tipo de anúncio ou propaganda, certamente favorecerá o aumento de leitores irreais, e conseqüentemente, ajudará os alunos a acreditarem que o ato de ler é realmente

um castigo.

As pesquisas realizadas possibilitam um maior conhecimento sobre como lidar com a leitura em sala de aula proporcionando levar aos educandos momentos de prazer ao ler. Vimos que, o escritor, dependendo de como vê a leitura, possibilita ao leitor, uma análise maior podendo imaginar o que ela representa: convite, obrigação, necessidade, distração.

A leitura não deve estar relacionada às notas. Tudo o que nos dá prazer, fazemos com mais prazer. Despertar nas crianças o gosto por ler, descobriu as mais fantásticas sensações de viajar pelo mundo imaginário que apenas encontramos no universo dos textos lidos. O gosto de sonhar, de viajar, de viver na realidade, de atuar como os personagens das histórias, de compreender o que está nas entrelinhas, de amar o que se faz, é que somos capazes de entender como é imenso o valor da leitura. Entretanto, sabemos que, ao viajar no mundo da leitura, estamos exercendo o ato de ler com prazer!

## BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil. Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

BARBOSA, J.J. A herança de um saber: a alfabetização. São Paulo: FDE, 2001.

BOMTEMPO, L. De olhos nas páginas dos livros. Amae Educando. Junho, 2000. n.292.

BORDONI, T. Pensando a escola: entre o ontem e o hoje. Amae Educando, Belo Horizonte, nº 333, p. 09 – agosto. 2005.

\_\_\_\_\_. O professor gestor – por onde começar. Belo Horizonte: Linha Direta, 2005.

CUNHA, M.A.A. Literatura Infantil. Teoria & Prática. 5.ed. São Paulo: Ática, 1986.

FREIRE, P. Concertos de leitura. PROFA, 2007.

GARCEZ, S. Contos-da-carochinha, literatura infantil enriquece o processo de ler e escrever. Revista do Professor. Jan./mar.2004.n.77.

GIGLIO, Z.C. A utilização pedagógica do maravilhoso Nep. São Paulo: Summus, 1980.

JOLIBERT, J.( org) Formando Crianças Leitoras. Tradução Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

NÓBREGA, M.S. Linguagem e Escola – Uma perspectiva social. Petrópolis: Vozes 1999.

OLIVEIRA P.D.H. Encontro marcado com a literatura. Amae Educando. Junho de 2000. n.292.

SALES, M.N. Quem conta um conto Alimenta um sonho. Literatura e biblioteca escolar – caderno Amae. Fevereiro de 2001.

SOARES, M. Alfabetização e letramento. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Linguagem e Escola – Uma perspectiva social. 16. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZILBERMAN, R. Leitura em crise na escola. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2005.